

JAZZ

6 MAIO 2016

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

CIRCADIA

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Guitarra David Stackenäs Guitarra Kim Myhr Contrabaixo Joe Williamson Bateria Tony Buck

Sex 6 de maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Intuição orquestrada

O nome Circadia pode não fazer disparar as campainhas a quem não reconheça a designação deste quarteto, mas saber que o integram quatro dos mais importantes músicos da cena europeia da atualidade na área da improvisação criativa, Kim Myhr, David Stackenäs, Joe Williamson e Tony Buck (os dois últimos são, um canadiano, o outro australiano, mas vivem no Velho Continente há tempo suficiente para serem considerados europeus), justifica plenamente a expectativa de que este concerto venha a ser um dos mais importantes do ano. Ainda recentemente Stackenäs esteve entre nós, numa pequena digressão da Lina Nyberg Band que deixou ótimas impressões, e decerto ninguém esqueceu a atuação do grupo The Necks, integrado por Buck, na edição de 2003 do festival Jazz em Agosto. Acresce o facto de que Williamson lançou numa editora sediada em Lisboa, a Creative Sources, um seu disco a solo, *Hoard*, que obteve críticas entusiásticas por cá e lá fora. Ou seja, já estamos cientes do que podem, faltando agora (pelo menos a quem não ouviu o álbum publicado pela banda na Sofa, *Advances and Delays*) perceber ao que vêm...

Ora, vêm eles apresentar um projeto de música acústica com duas guitarras, contrabaixo e bateria que ultrapassa totalmente o que se possa imaginar com este formato instrumental. Uma vez soa como se um enxame de abelhas se agitasse dentro de um recipiente de lata e outras parece algo aparentado com

a *folk* dos Apalaches ou com os *blues* rurais do Mississippi, numa fórmula original, intrigante e inovadora que tem conquistado o aplauso geral. O ponto de partida é desde logo desafiante: nenhum dos habituais papéis dos instrumentos conjugados se mantém. Por exemplo, podem ser a bateria e o contrabaixo a tocarem melodicamente, com as guitarras sustentando as pulsações, assim como pode acontecer que aquilo a que chamamos “melodia” e “ritmo” sofra radicais transfigurações – já para não falar do plano harmónico, igualmente importante. Nas combinatórias tentadas ao longo das tramas só um fator é certo: o foco na orquestração de todos os elementos.

É, no entanto, óbvio que alterar as funções instrumentais por si só não chega, como explica Kim Myhr: «Afastarmo-nos dos desempenhos convencionais pode não ser um gesto suficientemente interessante por si mesmo. Para mim, é importante ver esta questão a uma luz positiva: a instrumentação dos Circadia existe num espaço acústico relativamente livre, ou seja, os instrumentos adotam diferentes funções consoante as circunstâncias, sendo que o acompanhamento e o solo não são papéis cimentados mas meros momentos das abordagens deslizantes pelas quais o grupo passa. Julgo que este procedimento cria uma situação de escuta muito participativa, para além de que torna o fator “tocar” mais ativo para os músicos. Quando eu me dedicava ao jazz, aborrecia-me imenso com as regras que estavam definidas, designadamente as linhas a solo de uma só nota

e o suporte ao solista a que eram obrigados o contrabaixo e a bateria. O que nós tentamos fazer é abrir perspectivas, mas sem entender esta questão de uma forma negativa, como se estivéssemos a evitar algo. Corresponde, sim, ao nosso desejo de nos abirmos a novas possibilidades orquestrais. O termo “orquestração” é muito importante para nós, é nisso que nos focamos.»

Esta opção implica um distanciamento relativamente às famílias musicais existentes, e nesse aspeto os Circadia ocupam um lugar muito específico no espectro das músicas improvisadas: «Atuamos entre muitos e diferentes idiomas. Pessoalmente, acho até que os interstícios são um bom lugar para estarmos», argumenta Myhr. Este entendimento da música é programático e com os Circadia surge mesmo como um conceito, mas nem por esse motivo a prática é sujeitada a uma pretensa superioridade da Ideia. «As estruturas que utilizamos surgem muito intuitivamente. Não há decisões conscientes e combinadas antes de tocarmos. É coletivamente, e em cima do palco, sem sequer falarmos sobre isso, que decidimos quanto tempo deve demorar o tratamento de determinado material até que este nos deixa de motivar. São os nossos ouvidos que dirigem a vontade de habitar os materiais antes de seguirmos por outra direção. Mas este não é um procedimento estrito, pois às vezes movemo-nos muito rapidamente de uma coisa para outra», adianta o mentor do quarteto.

Aliás, até a relação que os Circadia possam ter com a *folk* e os *blues* é muito

intuitiva: «Enquanto guitarristas, eu e o David temos uma relação bastante próxima com a tradição popular norte-americana, com as músicas daquela região do globo em que a guitarra ganhou uma presença central. Tocar numa banda que tem duas guitarras acústicas, contrabaixo e bateria pode muito facilmente implicar uma associação com a música “à cowboy” e nós até gostamos disso. Ainda assim, não há qualquer intenção de nos referirmos a qualquer outra música que não a nossa. O elemento *folk* é, apenas, um ligeiro *flirt* conceptual.» Neste contexto, se as mudanças funcionais são importantes, indiferentes se tornam as técnicas a que se recorre. Diz Kim Myhr: «Sempre me senti bastante alienado com o termo “técnicas extensivas”, pois são tantas as maneiras que hoje existem de manipular um instrumento que se torna difícil pensar em formas *standard* e formas “extensivas”, estas como algo que é adicionado às maneiras normais de tocar. Estamos simplesmente interessados em explorar as potencialidades orquestrais do grupo e para chegar a esse objetivo utilizamos todos os meios que tivermos ao nosso dispor, sejam eles quais forem.»

Se a *folk* e os *blues* surgem nas tramas dos Circadia como um acidente bem recebido, ainda que não procurado, também tal acontece com a emergência de situações que nos levam a detetar alguma influência da música erudita contemporânea que vem procurando quebrar com a linearidade das construções. Muito em especial a de compositores como Morton Feldman e György

Ligeti que projetavam os sons em todas as direções, sem hierarquias ou esquadrrias. «Nenhumas referências diretas são por nós impostas às improvisações. Mas tendo afirmado isto, acrescento que não está errado quem descubra na nossa música traços que venham de Ligeti e de Feldman. Afinal, são ambos mestres da orquestração», comenta Myhr a propósito. Os hábitos auditivos e os gostos pessoais são sempre determinantes quando se improvisa, e inclusive se a atitude adotada é a de não os reproduzir passivamente. Aliás, nesse particular há algo de muito especificamente escandinavo no trabalho desenvolvido pelos Circadia, envolvendo também Joe Williamson e Tony Buck pelo facto de ambos estarem radicados nessa região europeia e de se terem integrado muito solidamente na cena local. Salienta Myhr: «Na Escandinávia temos a sorte de não haver uma história já estabelecida das tendências da música experimental. É isso que faz com que os músicos jovens sintam a liberdade de tocar o que lhes apetece, com a vantagem de os produtores de concertos e os jornalistas estarem receptivos a isso. Mas não tem de ser apenas uma característica do Norte da Europa: seria muito saudável que qualquer país se abra a suas mais jovens gerações.»

Seja como for, esta é uma formação transnacional, repetindo até um modelo que se vai tornando comum. «A música improvisada sempre teve uma agenda internacionalista, e talvez até mais do que qualquer outra corrente musical. Assim sendo, o facto de um norueguês, um sueco, um australiano e um cana-

diano tocarem juntos é bastante vulgar nos nossos dias. Pode ser que haja conexões culturais entre estes quatro países que façam com que esta ligação surja de maneira natural, mas definir quais serão elas tornar-se-ia especulativo. O certo é que esta reunião de nacionalidades pareceu-nos muito natural. Eu já tinha tocado com o David e com o Tony antes de formarmos os Circadia, o David já tinha tocado com o Joe e o Joe e o Tony conhecem-se há décadas. Eram bastantes os laços já estabelecidos antes que nos atirássemos juntos ao primeiro acorde», acrescenta Myhr.

Depois desta atuação em Portugal é que será de esperar que a palavra Circadia signifique para os melómanos portugueses algo mais do que os ritmos biológicos de todos os seres vivos, sejam estes bactérias e fungos ou humanos. Então é que as campanhas ecoarão nas nossas memórias, sinal de que estivemos presentes e fomos envolvidos. Arriscam-se a não estarem e a não serem?

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

David Stackenäs

guitarra

Apontado como o mais importante guitarrista surgido na cena sueca da improvisação, David Stackenäs nasceu no ano de 1974 em Estocolmo e fez os seus estudos na Academia Real de Música. Ainda que também utilize a versão elétrica, o seu principal instrumento é a guitarra de caixa, acústica, tocada com ou sem preparações. Colaborador frequente de Mats Gustafsson, tem os *blues* do Delta como principal referência. Fez já parcerias com outros guitarristas de nomeada, como Thurston Moore, Lee Ranaldo, Loren Connors e Jim O'Rourke.

Kim Myhr

guitarra

Natural de Oslo, na Noruega, e nascido em 1981, Kim Myhr formou-se na mais importante escola de jazz do mundo, o Berklee College of Music, em Boston. A guitarra acústica de 12 cordas é a sua ferramenta de trabalho preferida, mas vem também dedicando a sua atenção à escrita. Esta tanto é destinada à prestigiada Trondheim Jazz Orchestra ou à cantora Jenny Hval como a espetáculos de dança de Francesco Scavetta e Orfee Schuijt. Ao longo do seu percurso, tocou com importantes nomes como Jim Denley, Benoit Delbecq e Sidsel Endresen.

Joe Williamson

contrabaixo

Canadiano de origem (nasceu em Montreal no ano de 1970, cidade em que frequentou a McGill University), mas atualmente radicado em Estocolmo, Joe Williamson é um dos mais aclamados contrabaixistas da Europa. Integra uma grande diversidade de grupos, com destaque para os Trapist e os Weird Weapons, e tocou com muitos dos mais importantes improvisadores, como Evan Parker, Jon Rose, Paul Lovens, Steve Beresford e Tristan Honsinger. Pertenceu ao grupo de *avant-punk* Kletka Red.

Tony Buck

bateria

Nascido em Sydney, na Austrália, em 1962, mas hoje a residir em Berlim, Tony Buck formou-se no então chamado New South Wales Conservatorium of Music. Um dos mais completos bateristas da atualidade, possuidor tanto de um grande sentido do ritmo como de construção de texturas abstratas, é membro do lendário trio The Necks, que pratica uma curiosa síntese entre jazz e música de transe, feita de repetições e movimentos elípticos. Integra ainda a banda de pós-rock Transmit e partilha projetos com Magda Mayas, Ned Rothenberg e Axel Dorner.

Próximo espetáculo

Söndörgő

Música Sex 13 de maio

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



Lead tambura, tambura samica, derbuka, voz, tambura alto Áron Eredics Kontra tambura, trompete, voz Benjamin Eredics Clarinete, saxofone, kaval, tambura, tambura alto, voz Dávid Eredics Acordeão, flauta pastoril, hulusi, tambura alto, tambura violoncelo Salamon Eredics Tambura contrabaixo, tambura violoncelo, tapan, vozes Attila Buzás

Söndörgő é uma banda que pratica a música tradicional dos eslavos do Sul, sérvios e croatas, que permanece viva em pequenas comunidades da Hungria, a maior parte delas isoladas e instaladas ao longo do Danúbio. Essa música foi estudada e repertoriada pelo compositor Béla Bartók e pelo etnógrafo Tihámér Vujicsics, duas celebridades que se dedicaram ao estudo da música popular da Hungria.

Não admira que os membros do grupo se tenham dedicado a pesquisar, fazer os arranjos e apresentar em concertos estas canções. Nasceram numa pequena cidade perto de Budapeste com uma longa tradição sérvia, de uma família com um apelido provavelmente

croata, e com sangue eslavo, austríaco, ucraniano e judeu. O pai dos três irmãos tocou na banda dirigida por Vujicsics.

Em contraste com a música popular húngara mais conhecida, em que o violino é o instrumento mais importante, usam o *tambura*, uma espécie de bandolim provavelmente de origem turca e característico dos sérvios e croatas, a que acrescentaram o saxofone, o trompete, a flauta e o acordeão. A música é de uma extrema beleza e os membros dos Söndörgő exímios executantes.

Até agora gravaram dois discos, um em 2011 e o segundo em 2014, colocado na lista dos melhores álbuns desse ano de *world music*. E têm percorrido a Europa em festivais e concertos.

A Culturgest persiste em dar a conhecer ao público música tradicional magnífica, quase desconhecida no nosso país (o advérbio está aqui por cautela), interpretada por instrumentistas que juntam um enorme respeito pela tradição a uma execução perfeita.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caisotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
